

ONDE ESTÃO AS PRETAS? QUESTIONANDO A PRESENÇA DE MULHERES NEGRAS NO TELEJORNALISMO DA TV BAHIA

ROCHA, Bruna Soares¹

ALMEIDA, Leonardo Assunção Bião²

Resumo: O presente artigo deseja evidenciar a aparição de mulheres negras no audiovisual brasileiro, enfatizando essas participações no telejornalismo soteropolitano. Esse desejo surgiu com a observação do meu local de trabalho, identificando como nas redações jornalísticas baianas o pertencimento de mulheres negras é precário. Além disso, haverá um mapeamento e questionamento sobre a presença dessas mulheres nas telas baianas, a fim de identificar essas mulheres na grade de exibição da TV Bahia. Nesse sentido será traçado marcos históricos entre diferentes gerações do telejornalismo, esse movimento será fundamental para identificar as mulheres negras que estão em frente às telas jornalísticas. O objetivo é realizar o movimento de Sankofa, olhar para o passado e compreender quais movimentos e lutas políticas influenciaram e serviram como inspiração para novas jornalistas pretas.

Palavras-Chave: Telejornalismo, Tv Bahia, mulheres negras.

Presentes em tudo, vistas em quase nada

Este artigo foi redigido em primeira pessoa. Eu, Bruna Soares Rocha, filha de Roseni e Renan, mulher preta e estagiária da TV Bahia, estarei te conduzindo neste escrito. Justamente por estar nessa posição montei um artigo etnográfico sobre a presença de mulheres negras na produção do telejornalismo da TV Bahia, mulheres como eu que ocupam a produção e apresentação desta grande emissora.

¹ Estudante do sexto semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário Jorge Amado. Cofundadora da newsletter Entre Becos E-mail: trabalhosbrunarocho@gmail.com

² Doutorando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Mestre em Letras e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Professor do curso de Jornalismo do Centro Universitário Jorge Amado. E-mail: leonardo.biao@unijorge.edu.br.

Assim, haverá uma breve observação das mulheres negras presentes na produção de jornais e programas de entretenimento da emissora, elas também são elementos fundamentais para reforçar sentimentos de pertencimento e diversidade política dentro do canal. A partir desse momento, meu caro leitor, eu problematizo o termo *mulher negra*, pois compreendo que essa nomenclatura invalida a humanização desses corpos. Nós, somos mulheres, o ser negra compõe o nosso ser, porém em linhas de convivências sociais, o *negra* assume mais protagonismo do que ser apenas uma mulher. Não se engane ao achar que questionar o adjetivo *negras* estou estimulando um comparativo a mulheres brancas. Estou propondo uma reflexão com base no discurso "Não sou eu uma mulher?" da abolicionista Sojourner Truth. Observe, homem, mulher, homem negro, mulher negra, percebe como o termo é colocado como diferenciador? A discriminação de gênero, classe e raça elimina a possibilidade de corpos negros serem vistos como humanos, por isso, aqui mulheres negras, serão apenas mulheres em sua plena existência.

Nós mulheres *negras* representamos mais de 41 milhões de pessoas, o que representa 23,4% do total da população brasileira (IBGE, 2021). Mesmo representando uma parcela significativa da nação brasileira, as retrações da mídia para esses corpos não as contemplam.

Carregadas com um conjunto denso estrutural de desigualdade social, as mulheres negras só são cercadas por preconceitos como: raça, gênero e classe, que institucionalizam essas mulheres em locais de subserviência e de grande discrepância de direitos e acessos, sendo este tema central do livro "Mulher, Raça e Classe" da autora estadunidense Angela Davis (2016). Além de Angela, outras intelectuais como Carla Akotirene (2019) também pautam a temática aqui no Brasil.

Dentro do audiovisual, essa estrutura se replica de forma ainda mais efetiva, pois estamos lidando com a representação imagética de uma população. Tenho certeza que você já ligou a TV e visualizou uma mulher negra no papel de subserviências e hipersexualização dos seus corpos.

Esse direcionamento do audiovisual reflete um pensamento arcaico e colonizador acerca desses corpos. Assim, as retrações audiovisuais e sobretudo do

telejornalismo são em sua maioria masculina, branca, alta e magra, uma clara retratação eurocêntrica e hegemônica.

Este artigo parte do entendimento da televisão enquanto forma cultural (WILLIAMS, 2016) e propõe um esforço analítico dos programas escolhidos partindo de uma prerrogativa historicizada, para melhor compreender as inadequações e limites borrados entre os meios. Os artigos “Negras no telejornal baiano” (SANTANA, 2014), “Cultura popular e comunicação contemporânea no Brasil: televisão e telejornalismo na Bahia e no Maranhão” (SILVIA, Gisélia. 2011/2012) e as obras “Mulheres, Raça e Classe” (DAVIS, 2026). e “Interseccionalidade” (AKOTIRENE, 2019) complementam o referencial teórico.

2. A TV BAIANA E A PRESENÇA DA MULHER NEGRA

Desde a diáspora africana as mulheres negras são postas em caixas destoantes do seu real potencial. Com o passar dos séculos os preconceitos sobre a comunidade negra se fixou, principalmente, para a mulheres que são/continuam sendo hipersexualizadas, postas em lugares e posições de subserviência. Este movimento é fruto do racismo estrutural³, que rotula corpos negros em caixas sociais cheias de esteriotipos e suposições. Nos tempos atuais a população negra continua sofrendo com o racismo, sobretudo as mulheres negras. Como pontua Angela Davis, trata em seu livro “Mulher, raça e classe” as mulheres negras são a base da sociedade, pois juntas são atravessadas pelo preconceito de gênero por serem mulheres, em seguida pela demarcação racial e logo após às circunstâncias financeiras e qual lugar social ocupa em sociedade.

Compreendendo agora os atravessamentos que permeiam a existência de uma mulher negra é possível visualizar que o racismo estrutural, junto aos outros potencializadores da miséria suprimem a chances de ascensão de uma mulher negra.

³ O racismo estrutural consiste na organização de uma sociedade que privilegia um grupo de certa etnia ou cor em detrimento de outro, percebido como subalterno.

No início do telejornalismo baiano a ausência de mulheres negras foi sentida por gerações. Com o passar dos anos nomes nacionais como Glória Maria e Zileide Silva surgiram, aqui na em Salvador surge Van Chase. Essas mulheres se tornaram referência para futuras comunicadoras negras, como eu.

Em 2022, existe uma maior presença desses corpos no telejornalismo da Tv Bahia, contudo, ainda existe uma escassez de mulheres negras em cargos de poder. Destaco aqui, uma reflexão ofertada pelo jornalista, sociólogo e tradutor brasileiro Muniz Sodré, no canal do Youtube Tv Brasil. O autor expõe o termo “bios midiáticos” interligado ao usurpação dos canais midiáticos ao comércios, marketing, vendas. Considerando a amplificação de debates sociais e políticas sociais, aumentar a presença de mulheres negras na atual grade de telejornalismo da Tv Bahia é também uma estratégia comercial para continuar com alta audiência. Contudo, se valendo dos recursos comerciais e de políticas de inclusão social, o aumento de mulheres negras é orgânico.

3. QUEM SÃO AS MULHERES NEGRAS PRESENTES NA REDAÇÃO?

Analisando o quadro de funcionárias negras da Tv Bahia, foi identificado 14 profissionais negras, sendo elas 10 do jornalismo e 4 do entretenimento. Dessas 4 estão à frente das telas as jornalistas Georgina Maynard, Camila Oliveira, Luana Souza e Luana Assiz. Nenhuma em cargo de poder. Como estagiária da empresa, fui em busca dessas mulheres para ouvi-las. O intuito é evidenciar a voz de mulheres negras e os seus relatos.

A primeira pessoa que entrevistei foi Georgina Maynard, que trabalha a mais de 10 anos na Tv Bahia. Atualmente ela atua como repórter e produtora do programa Bahia Rural, televisionado aos domingos, às 07h25. Mas já trabalhou nos outros setores da emissora. Georgina pontua a crescente presença de jovens negros e negras na redação jornalística da Tv Bahia, quando afirma que "antigamente era difícil encontrar pessoas negras na redação, hoje consigo visualizar uma gama muito maior".

Levantei um questionamento sobre o setor de entretenimento da emissora, que hoje comporta a maior escala de apresentadores negros como Aldri Anunciação, Luana Assis, Luana Oliveira, Pablo Vasconcelos e Lucas Almeida. Para Georgina, "é engraçado visualizar esse quadro porque há uns anos atrás esse cenário era completamente diferente. Se antes já era difícil encontrar repórteres negros nos jornais, no entretenimento era muito mais difícil".

A conversa se expandiu para a produtora Mônica Melo, 29 anos, que entre a correria da redação e o choque de horários conseguiu conversar comigo sobre a sua vivência de 5 anos enquanto produtora. "Eu comecei como estagiária da TV Bahia, foi o meu segundo contato com o jornalismo. Na prática, eu comecei no Jornal Massa, que é um jornal mais voltado para a comunidade", apontou a produtora, e completou: "na TV Bahia eu trabalho na produção do Jornal da Manhã e Bahia Meio Dia. Eu lembro que quando entrei como estagiária eu fui a primeira estagiária negra dentro da redação, outras pessoas passaram, mas não eram negras".

Em uma de suas falas, Mônica destaca a importância de abrir caminhos para outras gerações, como a minha. "Eu acho que a nossa função é sempre abrir caminhos para outros, sabe? Para os que virão, como você, e que possam acreditar que podemos e é possível ocupar diferentes espaços. Que podemos sim ocupar cargos de liderança que geralmente são poucos." Feliz com a entrevista, fui em busca da estagiária Isis Caroline, 22 anos, que integra a equipe de jornalismo do quadro "Parceiros do Bahia Meio Dia".

A minha participação em uma das emissoras de maior nome no estado, me traz um sentimento de referência na luta de conquista desse espaço, de referência para que outras meninas pretas de comunidades periféricas sintam que as portas estão sendo abertas para que elas também ocupem esses espaços." (CAROLINE, 2022)

Ainda na conversa, questionei a Isis Caroline como ela se sente ao visualizar outras mulheres negras dentro do telejornalismo da TV Bahia. Ela apontou que "a presença de mulheres negras em um meio majoritariamente composto por homens brancos e velhos, nos traz um sentimento de mudanças, de que algo está sendo revolucionado". Para Isis, mulheres como Luana Souza, Luana Assis, Camila Oliveira,

entre outras, fomentam a necessidade de ocupar lugares que sempre foram nossos por direito.

Eu também atuo no quadro “Parceiros do Bahia Meio Dia”. Lembro dos primeiros feedbacks do público sobre o meu trabalho, sempre em tom de felicidade e conquista. Uma vibração sem tamanho porque finalmente estão se vendo nas telas. Contudo, fui direcionada para auxiliar o jornal noturno BaTV e me afastei da produção dos Parceiros BMD. Na equipe de produção do BaTV tem apenas uma editora negra e um homem negro, inseridos em uma equipe de 8 pessoas.

4. POLÍTICA DE COTAS E NOVAS MULHERES NEGRAS NA REDAÇÃO

A Lei nº 12.711/2012, popularmente conhecida como Lei de Cotas, foi sancionada pelo Congresso Nacional em 2012. A fim de equiparar a presença de pessoas negras, pardos, indígenas, pessoas com deficiência e população de baixa renda em instituições públicas e particulares de todo país. Seu funcionamento determina que metade das vagas de instituições de ensino superior devem ser reservadas para estudantes que cursaram os três anos do ensino médio na rede pública de ensino. Em agosto de 2022, a Lei completou 10 anos.

Nestes 10 anos em atuação a política de cotas foi responsável por modificar o cenário acadêmico do Brasil. Contudo, houveram outros mecanismos para potencializar o ingresso de estudantes em instituições de ensino superior.

Tais políticas não podem ser pensadas de forma isolada, mas sim em conjunto com outras ações que incluíram a expansão de vagas nas universidades federais, a criação de novas universidades e institutos federais, de novos campi e novos cursos. Também fazem parte deste conjunto de medidas o programa Universidade para Todos (Prouni/2004), o Programa Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni/2007), o Sistema de Seleção Unificado (Sisu/2010) e a adoção do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) como a principal forma de ingresso no ensino superior brasileiro.” (NEXO,2021).

É o que aponta a pesquisa *Avaliação das políticas de ação afirmativa no ensino superior no Brasil: resultados e desafios futuros*, desenvolvida por Denise Carreira⁴ e Rosana Heringer⁵ do veículo de jornalismo eletrônico Nexô.

Percebe-se que este movimento foi imprescindível para mover estudantes para as universidades, homens e mulheres negros e periféricos que estão/ou mudaram as suas condições de trabalho devido a políticas públicas de equidade⁶. A pesquisa do NEXO divulgou que entre os anos de 2013 a 2019 o percentual de estudantes, negros, pardos, indígenas e de baixa renda surtiu aumento de 205%. Destaca ainda que a frequência de estudantes cotistas se mantém alta em relação aos demais. Entre negros e indígenas cursando a graduação o nível de frequência nas aulas permeia entre 40% e 87%. O grupo com maior percentual de concluintes são os pardos (47,2%), em seguida brancos (40,4%), pretos (39,2%), amarelos (38,7%) e indígenas (36%).

Isso ocorre porque o impacto social de concluir uma graduação afeta de forma discrepante pessoas negras, indígenas e periféricas. Para nós, tem muita briga, esforço e dedicação ancestral envolvida, sendo este um estimulante para os alunos de grupos sociais fragilizados concluírem o curso superior. Como cotista do programa Universidade Para Todos, desfruto na pele o peso de ecoar a frase “sou estudante de jornalismo”. A forma como sou visualizada muda bruscamente, principalmente, quando destaco a emissora TV Bahia como trabalho atual. Afinal, sou uma jovem negra periférica, o sistema só espera de mim uma gravidez na adolescência e abandono dos meus estudos. Contudo, desfrutar dos ensinamentos do feminismo negro na juventude foi uma ferramenta fundamental para o meu ser hoje.

⁴ Denise Carreira é coordenadora institucional da Ação Educativa e professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. (denisecarreira2@gmail.com)

⁵ Rosana Heringer é professora da Faculdade de Educação da UFRJ, coordenadora do Lepes (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior - FE/UFRJ).

⁶ Equidade significa dar às pessoas o que elas precisam para que todos tenham acesso às mesmas oportunidades.

5. PROGRAMA CONVERSA PRETA - A CULMINÂNCIA DA PRESENÇA

O programa Conversa Preta surge em 2020, na Tv Bahia, em específico no mês de novembro a fim de democratizar pautas raciais experienciada por pessoas negras. Desde então, o programa reúne todos os profissionais negros da emissora para juntos, cada um na sua especialidade, construir um programa publicamente racializado e de forte potência no território baiano. Devido a sua forte popularidade o Conversa se tornou fixo na grade da TV. Neste ano de 2022 o projeto venceu pelo segundo ano consecutivo o Prêmio Globo, desta vez na categoria de Melhor Projeto Integrado Afiliada.

Após 2 anos trabalhando na Tv Bahia, foi a primeira vez que tive a oportunidade de atuar na produção do Conversa Preta, não poderia abandonar essa chance considerando o peso social e representativo que abarca o programa. Enquanto trabalhei como produtora, pude visualizar a tamanha seriedade envolvida em minuciosos detalhes do programa, a forma como cada fonte foi inserida, as palavras e métodos adotados para edição formam a unidade que este projeto é. Principalmente, porque o objetivo é subverter a visão estigmatizada da população negra, e potencializar a vivência de artista, de irmandades negras e intelectuais por meio da forte audiência presente na TV Bahia. É trazer outra narrativa sobre a história negra para as televisões do território baiano.

Na última temporada do Conversa Preta os episódios estavam focados nos ritmos musicais existentes em Salvador; na potência das favelas e na historicidade das irmandades negras de Cachoeira. A seleção das fontes ocorreu de acordo com a proposta direcionada pela direção do Conversa. Atuei na produção de quatro episódios: Favela potência; Comida ancestral; e os dois episódios da Música Preta. Ao selecionar as fontes busquei trazer para os holofotes pessoas e histórias que fazem parte da minha vivência periférica. Como no episódio Favela Potência, a missão era encontrar pessoas que estão fortificando o local onde vivem. Então, apresentei para direção a potência da gastronomia com Beiju do Negão; potências da música com a startup Pagode Por Elas e a cantora A Dama, por fim, a empresa Traz Favela. Com pouca modéstia confesso que foi uma missão nada impossível, pois vivo diariamente o organismo fervente presente

em uma favela. Sendo este o principal diferencial existente na produção telejornalística do Conversa Preta, são pessoas pretas evidenciando a história de outras pessoas pretas, existe uma propriedade adquirida de forma orgânica neste processo. É uma verdadeira contranarrativa a representação imagética construída pela própria Tv Bahia e outras emissoras da capital a respeito das favelas.

As gravações foram intensas, o entrosamento muito fluido e solícito da equipe me recordou o movimento de aquilombamento africano. Pude sentir na pele a outra versão do jornalismo popularmente pautado nas mídias tradicionais, em específico na TV Bahia. Conheci uma versão mais democrática do jornalismo, o qual aborda pautas múltiplas e não estigmatizadas sobre a população negra e sobretudo direcionado e apresentado por mulheres negras. A culminância da presença feminina negra no Conversa Preta foi um verdadeiro abraço quente diante do cenário da redação jornalística.

Devido a toda repercussão positiva do Conversa Preta, e também com a necessidade de reverberar os ensinamentos e pautas raciais, o programa ganhou um videocast no Youtube. Com 16 episódios, o canal alcançou mais de mil pessoas. Entre as algumas das pautas abordadas estão: Justiça negra; afro dengo; saúde mental para populações negras.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo uma jovem negra, periférica e cotista sinto no meu viver diversos atravessamentos sociais. Nesses 22 anos de vida, pude perceber que a minha formação se inicia no Nordeste de Amaralina com Roseni, Renan e André, seres iluminados que as divindades inseriram na minha trajetória. Mesmo que inicialmente ainda sem compreender, foi deste espaço que o meu reconhecimento racial e social surgiu. Assim, me possibilitando compor essa pesquisa etnográfica. Diante o processo de pesquisa me deparei com pessoas importantes para o telejornalismo negro baiano e que são/se tornaram amuleto de referência para a minha trajetória jornalística. Observei a presença de 14 mulheres negras, distribuídas de forma mistas entre a produção e repórter.

O trabalho de apuração foi sensível e muito gratificante. Conseguir me conectar com pessoas e também perceber como as políticas públicas influenciam diretamente na presença de novas mulheres negras em diversos ambientes, em específico nas redações jornalísticas, sendo este o meu objeto de estudo. Hoje a presença de mulheres negras tem sido mais constante e aos poucos a construção imagética de um homem, branco, alto e heteronormativo que é o atual emblema do telejornalismo irá mudar, já está mudando. Como experiência empírica pude visualizar esse movimento acontecendo, compreendendo e tendo consciência que faço parte dessa mudança. O momento o qual melhor sinto o impacto social da mudança acontecendo é quando ecoa a frase “sou jornalista” a percepção externa é outra sobre o meu ser. Para garotas negras como eu o sentimento é de possibilidade, igualmente como eu me sinto ao visualizar muitas outras que vieram antes de mim.

REFERÊNCIAS

DA SILVA SANTANA, Raquel. **Negras no telejornal baiano**. Pesquisa UFBA, Salvador, jan. 2014. Disponível em < <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32619> > Acessado em 02/12/2022.

SILVIA, Gisélia. **Cultura popular e comunicação contemporânea no Brasil: televisão e telejornalismo na Bahia e no Maranhão**, Pesquisa UFBA, Salvador, fev. 2017. Disponível em < <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/21299> > Acessado em 02/12/2022.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Heci Regina Candiani (1 Ed.). São Paulo: Boitempo, 2016.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019

SANCHOTENE, Carlos; PEDROZO, Mariana; ZUCOLO, Rosana C. A mulher negra na TV e no telejornalismo gaúcho: percepções sobre gênero, raça e profissão, Pesquisa UFBA, Salvador, nov. 2018. disponível em < <https://doi.org/10.5212/Emancipacao.v.18i2.0013> > Acessado em 05/12/2022.

DOS SANTOS, Marli; TEMER, Ana Carolina R. P. **Mulheres no jornalismo práticas profissionais e emancipação social**. 2018. disponível em <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2018/11/Mulheres-no-jornalismo.pdf#page=33> > Acessado em 02/12/2022.

DOS SANTOS, Thais A. **Representação da mulher negra nos jornais da tv brasileira** - Pesquisa FEPESMIG, Minas Gerais, nov. 2020. disponível em < <http://repositorio.unis.edu.br/handle/prefix/1376> > Acessado em 02/12/2022.

CARREIRA, Denise; HERINGER, Rosana. **Avaliação das políticas de ação afirmativa no ensino superior no Brasil: resultados e desafios futuros**. NEXO. nov/dez 2021. Disponível em:<<https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2021/Avalia%C3%A7%C3%A3o-das-pol%C3%ADticas-de-a%C3%A7%C3%A3o-afirmativa-no-ensino-superior-no-Brasil-resultados-e-desafios-futuros>> Acesso em: 2 dez. 2022.

NOGUEIRA, Carolina. **Ingresso de negros em universidades aumenta 205% com Lei de Cotas**. PODER 360 .ago/2022. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/educacao/ingresso-de-negros-em-universidades-aumenta-205-com-lei-de-cotas/> > Acesso em: 3 dez. 2022.

TV BRASIL. **Professor Muniz Sodré explica o que é "bios midiático"** . YouTube, 27 de set de 2017. Disponível em: < https://www.google.com/search?q=bios+midi%C3%A1tico+muniz+sodre%C3%A9&tbm=vid&sxsrf=ALiCzsZjde9yT8GdiHEjyZcjpiBKlte3A:1671194305779&source=lnms&sa=X&ved=2ahUKEwjRg8n3k_77AhW3JrkGHTIMAP4Q_AUoBHoECAEQBg&biw=1298&bih=6 >

